

# Recordações do presente em “Androides sonham com ovelhas elétricas?” de Philip K. Dick

**Palavras-Chave:** Ficção científica; Ficção contemporânea; Distopia.

**Autores(as):**

**Adriele Barbosa Santana, IEL - UNICAMP**

**Prof<sup>(a)</sup>. Dr<sup>(a)</sup>. Carlos Eduardo Ornelas Berriel, IEL - UNICAMP**

---

## INTRODUÇÃO:

A obra de ficção científica *Androides sonham com ovelhas elétricas?*, do autor estadunidense Philip K. Dick (1928 - 1982), foi inicialmente publicada em 1968 e tem seu enredo amplamente conhecido por meio da adaptação cinematográfica *Blade Runner* (1982), de Ridley Scott. O romance apresenta um planeta poluído por pó radioativo, com explosão populacional nas grandes cidades, mas parcialmente deserta em muitas áreas. No enredo, as elites migraram para colônias planetárias, permanecendo na Terra populações marginais e grandes corporações industriais que fabricam autômatos (os *replicantes*) com o intuito de servir às explorações em planetas de atmosfera hostil ao homem. Um grupo de andróides, entretanto, se rebela contra a sua condição de existência, ou seja, contra o sistema de escravização da sua “espécie”, partindo para a Terra como um local de refúgio. A captura e extermínio desses replicantes cabe ao caçador de andróides Rick Deckard, que se depara com uma crise ética ao se aproximar de tais seres durante sua missão.

A presente pesquisa visa apenas o objeto literário e propõe duas análises sobre tal: a expressão tecnológica de *Androides* como um comentário sobre o desequilíbrio entre ética e desenvolvimento da ciência, e a relação entre tal crítica e os elementos típicos do gênero utópico e sua variante distópica. Para tanto, estabelecemos uma intertextualidade com *Frankenstein* (1818), de Mary Shelley, e exploramos as especulações de Berriel (2005) e Gallo (2020) sobre distopias enquanto gênero literário. A partir de tais considerações, a hipótese central aqui estabelecida é a de que, apesar de representar um tempo futuro, o ponto chave da obra *Androides sonham com ovelhas elétricas?* se baseia na descrença do presente. Desse modo, os personagens de Dick, entorpecidos por meio da tecnologia, funcionam como alertas do que pode acontecer caso nossa atual configuração de mundo persista.

## METODOLOGIA:

A presente investigação parte do princípio de que o gênero distópico constitui particularidades próprias e, portanto, exige procedimentos específicos a ele. Desse modo, nossos procedimentos foram:

- I. Levantamento bibliográfico e esclarecimento sobre o momento histórico de *Androides sonham com ovelhas elétricas*;
- II. Estudo do conjunto da obra de Philip K. Dick e sua fortuna crítica;
- III. Mobilização de elementos do estilo do autor, como a relação com a ficção científica, de forma a isolar a distopia de Dick de seu discurso político e, assim, torná-la objeto específico de investigação.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Um dos elementos latentes no enredo de *Androides sonham com ovelhas elétricas?* é a mecanização do homem: numa Terra desumanizada, os personagens humanos de Dick consomem pílulas reguladoras de emoções diariamente, que definem seus sentimentos de modo mecânico, enquanto a esposa de Deckard é retratada como uma mulher apática, sem interesse pela vida, se aproximando de uma existência robótica. Ainda, outro caçador de andróides exerce sua função de forma sádica, com prazer pela violência que inflige àqueles que deve exterminar, sem demonstrar capacidade de empatia para refletir sobre o caráter de seu trabalho. Por outro lado, Dick enfatiza a humanização da máquina: a replicante Rachel Rosen usa o afeto e o desejo que desperta para encontrar meios de diversão e de sobrevivência, a também autômata Luba Luft canta ópera e demonstra intensa sensibilidade artística e, por fim, um grupo de andróides rebeldes reivindicam longevidade e, portanto, apresentam um complexo anseio em relação à morte.

Tal inversão entre homem e máquina retoma o tema sobre a técnica científica que, desenvolvida pelo homem, o ultrapassa. A autora inglesa Mary Shelley já inaugurara essa crítica ao fazer Dr. Victor Frankenstein correr apavorado diante do despertar de sua criatura, criada em seu laboratório a partir de retalhos de cadáveres. O horror do cientista em relação à sua própria criação, que mais tarde se rebela contra ele, materializa o descontrole político e social diante do avanço tecnológico. A ideia de uma inconsequente busca pela ciência já é referenciada no subtítulo da obra de Shelley: *O Prometeu Moderno*. Com isso, fica nítida a articulação entre o ambicioso Dr. Frankenstein e o clássico mito de Prometeu, que presenteia os homens com o conhecimento dos deuses, representado pelo fogo, e é punido por isso. Em ambos os personagens, há o desejo de romper com a ordem estabelecida e ultrapassar a natureza.

Mellor (2003) esclarece que o paralelo com Prometeu não se restringe ao trabalho de Victor Frankenstein, como também contempla todo o espírito da época em que Shelley escreveu sua obra. Segundo a teórica, o texto foi construído por um viés crítico acerca da revolução científica de seu tempo, em que havia um intenso “engajamento da ciência para descobrir a ‘verdade’ objetiva, quaisquer que sejam as consequências” (2003, p. 18). Este é o mesmo conflito que a presente pesquisa propõe como hipótese para *Androides sonham com ovelhas elétricas?*. Neste sentido, a obra pensaria a ciência moderna, uma ferramenta que supostamente visa o aprimoramento do bem estar coletivo, como a origem do caos e desolação de seu universo imaginado.

A hipótese aqui postulada é, ainda, corroborada pela presença de elementos distópicos na obra

estudada. Para esclarecer tal formulação, é necessário antes elucidar as origens do gênero utópico, considerado berço da distopia e estreitamente ligado a ela (BERRIEL, 2005, p. 4). A utopia é, tradicionalmente, compreendida como a construção ficcional de uma cidade perfeita em todos seus aspectos. O conceito foi formalmente inaugurado a partir da *Utopia* (1516), de Thomas Morus. A concepção de uma cidade idealizada é explícita na etimologia proposta pelo autor, que uniu o prefixo grego *U* (não) ao termo *Topia* (lugar), um *não lugar*, inconcebível enquanto espaço. A utopia é, em suma, uma impossibilidade. Desse modo, o texto utópico é essencialmente descritivo e estático; sua cidade é igualmente estagnada, como uma suspensão no tempo e no espaço.

A concepção de uma cidade ideal faz eco aos pressupostos platônicos sobre a diferenciação entre o mundo das aparências conhecido pelos humanos e o mundo das ideias. A utopia, cuja perfeição deveria ser absoluta e pertencer ao segundo, é essencialmente incompleta, pois sua própria concepção implica uma representação imaginada pelos homens. Desse modo, o arquétipo da cidade perfeita permanece inalcançável e irrealizável. Nesse sentido, já na utopia há a dimensão de seu extremo supostamente oposto: a distopia. São, ambas, dois aspectos de uma mesma concepção. Enquanto a primeira é a representação de uma tentativa humana de propor uma conciliação, a segunda é a retomada moderna do resíduo desse desejo que não se completou.

O desejo pela evolução tecno-científica, já expresso no final do Renascimento com a utopia *Nova Atlântida* (1626), de Francis Bacon, é concretizado no futuro imaginado de *Androides sonham com ovelhas elétricas?*. No enredo de Dick, a sociedade alcançou o “futuro” e todas as melhorias tecnológicas oferecidas por tal. Entretanto, é esse cenário supostamente ideal que semeia a desolação humana presente na obra, representada pelo personagem Rick Deckard, que questiona a própria identidade ao se deparar com o avanço da ciência. Desse modo, a obra apresenta a permanência tanto de elementos típicos da utopia quanto de sua suposta variante distópica; é essencialmente dual, tal como os gêneros aqui estudados.

## **CONCLUSÕES:**

Ao analisarmos a crítica sobre desequilíbrio entre ética e ciência contida no texto de *Frankenstein* (1818), de Mary Shelley, foi possível estabelecer um diálogo entre a referida obra e *Androides sonham com ovelhas elétricas* (1968), de Philip K. Dick. Tal intertextualidade ainda elucidou alguns elementos distópicos da segunda obra, o que nos levou à afirmação de Berriel (2005) de que “a distopia busca colocar-se em continuidade com o processo histórico, ampliando e formalizando as tendências negativas operantes no presente que, se não forem obstruídas, podem conduzir, quase fatalmente, às sociedades perversas (a própria distopia)” (p. 5). Esse foi o pressuposto que suscitou na hipótese de que o texto de Dick mobiliza as tensões entre modernidade e sua desmedida relação com a tecnologia.

Tal hipótese é, ainda, corroborada pelas especulações de Gallo (2020), que parte de uma análise sobre o crescente interesse da modernidade por textos distópicos para afirmar que “essas

obras certamente refletem uma sociedade que crê em um futuro absolutamente dominado pela técnica já descolada de qualquer resquício de ética” (p. 103). Desse modo, a presente investigação conclui que *Androides sonham com ovelhas elétricas?* não apenas discute um desamparo coletivo ao lidar com aparatos tecnológicos, como também representa a desesperança da humanidade diante de uma configuração social criada por ela mesma.

---

## BIBLIOGRAFIA

BERRIEL, Carlos. **Utopia, distopia e história**. In: Editorial da MORUS – Utopia e Renascimento 2, 2005, p. 4-10.

BULFINCH, Thomas. **O livro da mitologia**: Histórias de deuses e heróis. São Paulo: Martin Claret, 2006.

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000.

DICK, Philip K. *Blade Runner: Androides sonham com ovelhas elétricas?*. São Paulo: Editora Aleph, 2019.

GALLO, Renata. **Distopia e modernidade**: o pessimismo tem seu lugar. *Cerrados*, Brasília, n. 52, p. 85-107, 2020.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. **Teoria crítica e literatura**: A distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. *Anu. Lit.*, Florianópolis, v.18, n. 2, p. 201-215, 2013.

JAMESON, Fredric. **Arqueologias do futuro**: O desejo chamado Utopia e outras ficções científicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

PAGETTI, Carlo. La vita degli android è sogno. In: **Ma gli android sognano pecore elettriche?**, Philip K. Dick. Roma: Fanucci, 2007.

PAGETTI, Carlo. Simulacri d'amore. In: **L'androide Abramo Lincoln**, Philip K. Dick. Roma: Fanucci, 2007.

RIBEIRO, Raphael Matheus de Moraes. **O Prometeu moderno**: A revolução tecno-científica em Frankenstein de Mary Shelley. Dissertação de mestrado. UERJ, Programa de Pós-graduação em História Social. São Gonçalo, 2022.

SHELLEY, Mary. **Frankenstein**. Londres: Macmillan Collector 's Library, 2017.

SUVIN, Darko. **Um breve tratado sobre a Distopia 2001**. MORUS - Utopia e Renascimento, Vol. 10, 2015.

SUVIN, Darko. **Reflexões preambulares sobre a Distopia 2006**. MORUS - Utopia e Renascimento, Vol. 10, 2015.